

O PASSADO LIBERAL DE UM CHEFE DE MILÍCIAS: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE GUSTAVO BARROSO

Felipe Azevedo Cazetta*

RESUMO

O artigo proposto visa analisar a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, chefe de Milícias da Ação Integralista Brasileira (AIB), até o fechamento das atividades do movimento, em 1937. Nestes exames, há o objetivo de expor as discontinuidades quanto aos meandros intelectuais em que o sujeito histórico está exposto. Neste artigo, há o objetivo de demonstrar a trajetória heteroclita de Barroso, com participação no jogo político liberal, na década de 1920, porém, adotou postura autoritária, antiliberal e antidemocrática nos anos 1930, junto à Ação Integralista Brasileira. Deste modo, será utilizado como foco deste artigo, o percurso ensejado por Gustavo Barroso, no intuito de evidenciar a descontinuidade do percurso do personagens históricos, ao longo de suas estratégias coletivas e pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Gustavo Barroso, trajetória, percurso intelectual, integralismo, descontinuidade.

ABSTRACT

The proposed article aims to analyze the intellectual history of Gustavo Barroso, head of the Militia Ação Integralista Brasileira (AIB), until the closing of the activities of the movement in 1937. The goal of examination is to expose the discontinuities regarding the intellectual intricacies that the historical subject is exposed. In this article we aim at demonstrating the heteroclite trajectory of Barroso, who participated in liberal political game, in the 1920s. However, he adopted an authoritarian, illiberal and anti-democratic stance in the 1930s, with the Ação Integralista Brasileira. Thus, the path taken by Gustavo Barroso will serve as the focus of this article in order to evidence the discontinuity of the path of historical characters throughout their personal and collective strategies.

KEYWORDS: Gustavo Barroso, path, path intellectual, integralism, discontinuity.

Os exames acerca do cearense Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, ou simplesmente Gustavo Barroso cobram cuidados. Aspectos do pensamento barrosiano na Ação Integralista Brasileira (AIB) estiveram presentes em outros de seus textos, alguns do início dos anos 1920. No entanto, outras posturas político-ideológicas iriam se revelar somente no momento em que assumiu a chefia das Milícias do

* Felipe Cazetta é doutorando pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: felipecazetta@yahoo.com.br.

integralismo brasileiro, em meados da década de 1930, entrando em confronto com seus escritos produzidos anteriormente.

Deste modo, é proposta do artigo analisar a trajetória política e intelectual de Barroso entre os anos 1910 e 1920, quando assumiu postura liberal, até a década de 1930, mais especificamente entre 1933 e 1935, ao liderar as Milícias da AIB. De 1935 a 1937, Barroso ainda coordenou a Secretaria de Educação Moral e Educação Física no interior da AIB, após o fechamento das Milícias, por cumprimento da Lei de Segurança Nacional.

Em suas memórias Miguel Reale, Secretário Nacional de Doutrina da AIB, apontava para três eixos doutrinários centrais ao integralismo brasileiro: a corrente conduzida por Plínio Salgado, revestida por concepções sociais da Igreja, com ênfase no nacionalismo – sendo esta a mais numerosa; a liderada pelo próprio Reale, com predominância de aportes jurídicos e alternativas institucionais ao Estado liberal; e por último, a corrente doutrinária “(...) mais preocupada com os valores tradicionais da história da pátria, a que acrescentava um anti-semitismo de frágil, mas espalhafatosa fundamentação, com Gustavo Barroso à frente” (REALE, 1987: 80).

Tal preocupação com os valores tradicionais, no intuito de exaltar os símbolos nacionais, acompanharia Barroso em parcela relevante de suas obras. Por outro lado, o antissemitismo apontado por Reale é uma das concepções que surgiram a partir da inserção do integralista cearense na AIB.

Em suas análises, Marcos Chor Maio não detecta nas obras do chefe de milícias integralista vestígios antijudaicos antes de 1930. Visando suporte de seu exame, Chor Maio cita trecho de *Reflexões de um Bode*, publicada em 1937, onde o chefe de Milícias afirmava: “O meu público poderia atestar que eu nunca escrevera uma palavra contra os judeus. Sabia alguma coisa a respeito da questão, mas não o bastante para me imprimir uma atitude espiritual. Foi o integralismo que me tornou antijudaico.” (BARROSO, 1937: 161, 162 Apud MAIO, 1991: 92)

Barroso, em algumas passagens de suas obras, apresentou estratégia diferente de Plínio Salgado ao discorrer sobre suas memórias. Em *Reflexões de um Bode* (1937), citada por Chor Maio, o chefe de Milícias evitou a linearidade narrativa ao relatar suas experiências. Ao dissertar sobre o antissemitismo, acusava sua rejeição aos judeus somente a partir da inserção nas fileiras do integralismo brasileiro.

Antes de inserir-se na AIB no ano de 1933, o cearense já era autor consagrado. Foi fundador do Museu Histórico Nacional, em 1922, e membro da Academia Brasileira

de Letras, eleito em 1923. Além destas atividades voltadas para o campo intelectual, exerceu função política (ocupou cargos públicos estaduais e federais, participou como secretário na delegação brasileira na conferência de Versalhes, em 1919).

Concomitante a estas atividades, participou como colaborador ou fundador de periódicos, ainda no Ceará. Conforme exposto em *Consulado da China*, “Deixei o ‘Unitário’ para colaborar com Joaquim Pimenta no órgão socialista que êle fundou em fins 1907 e durou até princípios de 1908, ‘O Demolidor’. (...), e associado a José Gil Amora, lancei outro periódico socialista ‘O Regenerador’, (...)” (BARROSO, 1941: 221).

Diante da intensidade e da pluralidade de atividades exercidas, Gustavo Barroso ganhou notoriedade pública antes da década de 1920. Portanto, tornava-se mais árdua a tarefa de reconstituir sua trajetória intelectual tal como Salgado havia feito, em função de atingir relativa popularidade, independente de sua atuação no movimento integralista.

Representativo do volume de sua produção é o número de mais de 84 livros publicados até 1939, conforme apresentado no dorso de *Coração de Menino* (BARROSO, 1939). Suas obras podem ser organizadas da seguinte forma, segundo a Academia Brasileira de Letras: contos, crônicas e novelas regionais; romances; folclore, crítica, erudição e filologia; história, ensaios e episódios históricos; história regional e biografias; língua e dicionário; memórias e viagens; poesia; pensamento e; política¹, as obras desta última categoria foram influenciadas pela sua inserção na AIB.

Sua atuação, como colaborador em periódicos tanto locais quanto da capital federal, foi intensa. Tais participações em revistas e jornais dividiam-se entre caricaturas, ilustrações, novelas, e crônicas políticas de oposição às elites regionais, com assinatura de Gustavo Barroso, ou através de pseudônimos, tais como Nautilus, João do Norte, entre outros. Nas palavras de Barroso, suas atividades estiveram inscritas nas formas de:

caricaturas e trabalhos literários ilustrados a jornais e revistas do Rio de Janeiro, que publicavam às vezes com relevo. A “Caretta” estampou vários contos humorísticos meus, como “O Tônico”, “O Chicote do Babá”, “Meu Professor”, entre 1907 e 1910, (...). De fins de 1908 a princípio de 1909, a primeira página do “Tico-Tico” foi tomada pela história “O Anel Mágico”, “Texto e ilustração de João do Norte”, (...). Uma vez por outra, “O Malho”

¹ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Membro: Gustavo Barroso. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=619&sid=213>>. Acesso em 04 Abril 2013.

inseriria minhas caricaturas, contra o governo do Acioli, (...) (BARROSO 1941: 161, 162).

É conhecido entre as pesquisas historiográficas sobre o integralista, seu desejo não realizado de seguir carreira militar. Tal aspiração, alimentada desde a infância, foi frustrada por pressão de suas tias, responsáveis por sua criação desde tenra idade. Além destas pressões familiares, conspirou contra o desejo de Barroso o fechamento da Escola Militar, em virtude do envolvimento de elementos provenientes da instituição na Revolta da Vacina em 1904. Portanto, em 1905, o cearense afirma que esteve inclinado a “curvar a cabeça aos desejos da minha família ainda mais veementes após a fundação da Faculdade Jurídica em Fortaleza, e aceitei ser bacharel em Direito” (BARROSO, 1940: 180).

Maio expõe a oposição de seus familiares, enfrentada por Barroso, em função do prestígio negativo da carreira nas Forças Armadas. Esta rejeição ao serviço militar, segundo Marcos Chor Maio, era compartilhada entre elites, principalmente por aqueles elementos que estavam em decadência, conforme era o caso da família do integralista cearense (MAIO, 1991: 68, 69).

Estas conclusões são certificadas em livros de memórias escritos por Barroso, tais como *Coração de Menino*, de 1939, e *Liceu do Ceará*, publicado em 1940. No primeiro título, Barroso narrou suas experiências durante a infância, até completar dez anos de idade. Subsequente a este há o *Liceu do Ceará* (1939), no qual apresentou suas lembranças até alcançar os dezesseis anos. Completando a trilogia, Barroso lançaria *Consulado da China* (de 1941), para relembrar seus passos na vida acadêmica, iniciada na Faculdade de Direito do Ceará, e concluída no Rio de Janeiro.

Ao consultar os dois primeiros volumes da trilogia, as fontes são coerentes ao objetivo de examinar a infância e a juventude do chefe de Milícias. No entanto, demandam atenção, em função da data de publicação, ou seja, 1939 e 1940. Barroso escreveu suas memórias no rescaldo do fechamento da AIB, ocorrido em 1937, e do episódio conhecido como *Intentona Integralista*, tentativa de golpe ao Estado Novo praticada em 1938, liderada por alguns membros da AIB.

Em determinadas obras, Barroso estabeleceu independência entre a militância integralista e as atividades intelectuais. Em outros momentos, utilizou-se do destaque no campo intelectual/literário, como suporte de suas ações no interior do movimento, ou posterior a ele. Em alguns aspectos de sua trajetória, Barroso recorria à narrativa

coerente e linear, visando interligar momentos específicos de sua vida ao contexto integralista, através do exercício da diacronia.

Deste modo, utilizou-se de suas lembranças para justificar as escolhas tomadas, e/ou reestruturar outras memórias visando o resgate de sua imagem de literato e político renomado, maculada pelos acontecimentos envolvendo a AIB. Torna-se claro este intuito do chefe de milícias, quando afirmava em *Consulado da China*: “Tenho absoluta certeza que, um dia, quando se apagarem com o tempo as paixões de caráter pessoal e político, ser-me-á feita a devida justiça” (BARROSO, 1941: 170, 171).

Este exercício de diacronia praticado por Barroso é constatado, igualmente, em *Coração de Menino*, de 1939, ao relatar sua atração pelas Forças Armadas. Ao lembrar a tentativa de convocar amigos para brincarem de soldados quando garoto, escrevia: “O que pretendia fôra unir pela imaginação as duas aspirações que enchiam a alma [ser soldado e condutor de equinos]. Não compreenderam. Quantas vezes na minha vida não tenho querido unir, sem que compreendam, outras aspirações mais sérias?” (BARROSO, 1939: 32) .

Neste trecho, há o vínculo entre as brincadeiras de sua infância com as frustrações políticas que sofreu durante a fase adulta. Embora Barroso não fizesse menção à AIB, parte destas aspirações fracassadas estaria inserida nos projetos traçados pelo integralismo. A hipótese é sustentada pela proximidade temporal entre o fechamento do movimento, e a publicação deste livro.

A leitura e o significado de *Coração de Menino*, assim como demais análises que envolvam *memória* enquanto objeto de pesquisa, devem transcender o mero relato memorialístico. Para tanto, é necessária a investigação do contexto em que o autor produz a narrativa.

Para Pierre Labourie, a ação de “rememorar” não implica em recuperar um passado estanque, mas sim em reestruturar, ou mesmo modificar lembranças a favor do contexto atual vivido por aquele que narra suas memórias. Deste modo, as lembranças são dotadas de diacronia, conforme explicitado nas obras de Barroso. Nas palavras de Labourie:

Através da rememoração de fragmentos do passado, cada memória social transmite ao presente uma das múltiplas representações do passado que ela quer exprimir. Entre diversos outros fatores, ela se constrói sob influência dos códigos e das preocupações do presente, por vezes mesmo em função dos fins do presente (LABOURIE. In. ROLLEMBERG et.al., 2009: 7).

Este exercício de reestruturação da memória, colocado em prática por Gustavo Barroso, surge em outras ocasiões em *Coração de Menino* (1939), por exemplo. Ao relatar os primeiros momentos de sua inserção na escola, o chefe de milícias narrou quando seu pai comprou adesivos de imagens de Napoleão Bonaparte e camponeses do Tirol para que o filho decorasse os cadernos.

Em meio ao relato, Barroso inseriu sua opinião enquanto produtor da narrativa, abandonando o personagem do filho que recebe o presente. Tal digressão se processou ao interrogar-se a respeito do motivo da ausência de decalques com imagens de Caxias, dos índios ou do sertanejo.

Ao término da indagação, o cearense concluiria que caso estes decalques se encontrassem e fossem distribuídos entre as crianças, funcionariam como propaganda e ensinamento dos valores nacionais. Não é demais lembrar que após serem dissolvidas as Milícias integralistas², Barroso assumiu a Secretaria de Educação Moral e Educação Física no interior da AIB. Deste modo, justificava-se sua preocupação pela difusão da propaganda nacional e quanto à instrução educacional voltada para os ícones nacionalistas. Citando o referido excerto, retirado de *Coração de Menino*, encontra-se:

Meu pai até parecia contente em ver-me no colégio, iniciando os estudos. Deu-me de presente um lápis Faber com borracha e um caderninho de decalcomania, com soldados de Napoleão e camponeses do Tirol. E eu fiquei a pensar que seria tão bom haver decalcomanias do Brasil, com sertanejos de roupa de couro, gaúchos a cavalo, seringueiros e índios, soldados do tempo de Caxias. Por que tudo haveria de ser europeu? Até hoje, no entanto, ainda não vi decalcomanias brasileiras. Ninguém ainda se deu ao trabalho de refletir no veículo de propaganda e ensino que isso representa no seio da infância (BARROSO, 1939: 22, 23).

Mesmo tecendo críticas às influências europeias no Brasil, que se inseriam em âmbitos variados (até nas decalcomanias de uma criança), o desejo militar se mantinha como ideal de conduta entre as concepções de Barroso. Trocando-se Napoleão por

² As milícias foram dissolvidas em 1935, em função da instituição da Lei de Segurança Nacional, conforme pode ser encontrado em *O Monitor Integralista* em sua 92ª Resolução: “Resolução 92ª – EXTINGUE A MILICIA INTEGRALISTA E A SECRETARIA NACIONAL DA MILICIA./ Considerando que a Milícia Integralista, de conformidade com sua essência, organização e fins não é uma organização militar, porém uma escola civil de disciplina, civismo e educação física;/ Considerando, entretanto que a Lei de Segurança Nacional proíbe qualquer organização onde haja quadros de hierarquia e disciplina;/ (...)/ Resolve:/ Art. 1º - Extinguir a Milícia Integralista;/ Art. 2º - Extinguir a Secretaria Nacional de Milícia e todos os órgãos correspondentes nas Províncias do Paiz./ Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1935. MONITOR INTEGRALISTA (ORGÃO INTERNO): Boletim da Acção Integralista Brasileira. ANNO III. Rio de Janeiro 7 de Maio de 1935. n. 10. p. 5. APHRC-FPS: cx: 131.021-131.038

Caxias nas figuras adesivas, o exemplo de moral e símbolo da nacionalidade continuaria a ser encontrado nos códigos militares.

Embora estes relatos sobre o entusiasmo às Forças Armadas, gozado por Barroso em sua infância fossem escritos entre os anos de 1939 e 1940, outros textos de sua autoria atestam a frequência aos assuntos militares. A título de exemplificação, vale citar a revista *América Brasileira*, veículo de informação que divulgava o artigo acerca das lutas de independência desenroladas no Maranhão, último reduto português, no intuito de manter os laços coloniais do Brasil com a metrópole. Neste artigo, Barroso (1923: 7) tecia narrativa rica em detalhes sobre os confrontos das tropas vindas do Piauí e do Ceará, visando combater a província resistente à independência. Portanto, ainda em 1923, a temática militar exercia fascínio em Gustavo Barroso, atestando sua admiração pelas Forças Armadas.

Barroso apresentaria em diversos trechos de suas obras memorialísticas a admiração pela carreira militar. Embora houvesse tal declaração positiva, não deixou de apresentar críticas aos soldados subservientes às instâncias regionais de poder, ou àqueles que abusavam de sua autoridade.

Terra de Sol é obra publicada em 1912. Nesta, o autor cearense apresentou síntese dos aspectos morais e comportamentais do sertanejo, bem como as características do clima, da vegetação, da fauna e do folclore inerentes ao cotidiano dos moradores dos sertões. Entre os objetos abordados surgiram o cangaço, os coronéis e a soldadesca a estes submissos.

Neste sentido, Barroso apresentou opinião negativa em relação aos soldados dos corpos de polícia. Acusou-os de desordeiros e covardes por abusarem da população sertaneja, de condição modesta. Reprovando a conduta, Barroso dissertava que alguns destes soldados inseriam-se na vida do cangaço, entregando-se definitivamente ao banditismo:

A soldadesca desses corpos é composta por mais baixa e vil escória das populações, covarde e boçal; vive pelo sertão a fazer desordens nas feiras e a praticar toda a sorte de infâmias, desde o roubo ao estupro, às vezes até desertando para aumentar os bandos de cangaceiros. (BARROSO, 1962: 112)

Estas não seriam as únicas críticas realizadas aos soldados do corpo policial submetidos ao coronelismo regional. O chefe de milícias da AIB adotava como preferidas as Forças Militares, ou seja, Exército e Marinha, em detrimento do

contingente policial. Em *Coração de Menino* havia: “Minha vida é povoada de recordações militares e gosto tanto de tudo que se refere à vida guerreira que todos os amigos e conhecidos de meu pai me auguram um futuro soldado” (BARROSO, 1939: 100).

Porém, em *Liceu do Ceará* (1940), obra que aborda sua juventude, ao relatar os abusos cometidos pelo poder local e pelas forças policiais, o autor apresentou a passagem de sua vida na qual interpretava ser crucial para a adesão à oposição política regional. Tratava-se da coerção policial de um jornalista que escrevia artigos ofensivos ao coronel local.

Barroso relatou a cena de soldados obrigando Hermenegildo Firmeza a engolir seus artigos em cápsulas de pílula, caso contrário, este seria executado. O ocorrido proporcionou a seguinte sensação: “A agressão em massa, sem dar ao outro a menor possibilidade de defesa, enjoou-me. Foi o primeiro empurrão que levei em Fortaleza para cair nos braços da oposição” (BARROSO, 1940: 153). A experiência deixou marcas em sua memória, afirmando que: “Tinha quinze anos e aquilo foi o estupro da minha crença dos dogmas de liberdade. O tempo reservava-me vêr cousas peores, de maneira a fazer-me rir como adiante de pilherias de palhaço, quando ouço alguém referir as tradições liberais do Brasil” (Ibid.: 152).

O episódio, segundo Barroso, não apenas refletiu negativamente sobre sua opinião aos soldados das forças policiais submissos ao coronelismo, como atingiu sua opinião em relação à política liberal-oligárquica. No entanto, estes incidentes despertaram a rejeição no Gustavo Barroso da década de 1930 e não no garoto de quinze anos que presenciou a cena de violência ao jornalista. Isto se torna evidente ao analisar o esforço de Barroso em estabelecer linearidade e coerência aos fatos que conspirariam para sua refutação ao liberalismo e à democracia, justificando as medidas tomadas quando fez parte da AIB. Episódios de importância política desprezível seriam utilizados como fatores que favoreceram sua rejeição aos valores liberais.

Um destes casos foi o desmanche de sua casa na árvore por soldados, através do pedido de seu professor na escola primária. O ocorrido aparece nas páginas de *Coração de Menino* como: “(...) a primeira medida violenta por parte do poder público que soffro. Anuncia outras, mais duras e mais injustas para o futuro.” (BARROSO, 1939: 179) Deste modo, a perseguição aos integralistas, colocada em prática por Vargas, seria o desenvolvimento final das violências políticas praticadas pelo poder público, iniciadas pelo desmanche de sua casinha na árvore, quando criança.

Recuperando a citação de Labourie, deve-se ter ciência que Barroso não estava apenas relatando suas memórias infanto-juvenis, mas utilizando-as em sua defesa. Ainda que Barroso expressasse, em *Liceu do Ceará*, a sensação de: “Política de aldeia sem entranhas. Aliás, parece mesmo que a política não tem entranhas em parte alguma e em tempo algum” (BARROSO, 1940: 174). Estas não eram as palavras do garoto de quinze anos, mas do Barroso com seus cinquenta e dois anos, escrevendo entre 1939 e 1940.

Os contornos diacrônicos tornam-se mais fortes quando se analisa a trajetória completa de Gustavo Barroso, corroborando a sugestão de Pierre Bourdieu (In. FERREIRA, org., 2006: 185) de que *o real é descontínuo*. Tal descontinuidade, incidida sobre a trajetória de Barroso se explicita ao analisar sua atuação e suas obras políticas entre a década de 1910 e os primeiros anos da década 1920.

Entre 1912 e 1918, participou do Partido Republicano Conservador na Capital Federal, cidade onde terminou seu bacharelado em Direito. Em 1918, retornaria ao Ceará para assumir a Secretaria do Interior e Justiça, após seu primo, Coronel Benjamin Liberato Barroso, se sagrar vitorioso nas eleições para a presidência do estado (MAIO, 1991: 71). Novamente utilizando-se de suas lembranças, há o emprego destas para justificar as ações do autor cearense.

Em *Consulado da China* (1941) Barroso se esquivaria das críticas que o perseguiram ainda em 1941, em função da nomeação ocorrida para compor funcionalismo público na presidência de seu primo, cerca de vinte anos antes:

Quando atingi os mais altos postos na política cearense, aos vinte e poucos anos, os invejosos atribuíram a isso, unicamente o prestígio do Presidente do Estado, meu primo e querido amigo Benjamin Barroso. Esqueciam propositalmente as esporas de cavaleiro ganhas nessa luta terrível contra o aciolismo, anos a fio. Esqueciam que João Brígido, sem ser meu parente, já me incluíra espontaneamente em sua chapa de deputados estaduais (BARROSO, 1941: 245).

O envolvimento de Barroso com a política liberal e oligárquica, entre os anos 10 e 20 do século XX demonstra o confronto entre a sua trajetória política ao longo de sua vida e a opinião do chefe de milícias integralista encontrada nos anos finais da década de 1930. Esta oposição se faz entre a postura política, contrária ao liberalismo e à democracia, e a necessidade de sua autoafirmação.

Em *Coração de Menino* (1939), ao narrar seu exame de proficiência para o liceu, o adulto, e não o garoto que estava submetido aos testes se vangloria diante da banca

avaliadora. Ao referir-se ao Sr. Agapito, “O examinador mais temido por gozar de fama de não ter contemplações.”, dizia: “Mal sabia que o fedelhinho, que examina, anos depois será seu braço direito da redação do ‘Jornal do Ceará’, militará contra êle na política estadual, acabando por disputar-lhe vitoriosamente o mandato de Deputado Federal. Voltas que o mundo dá!” (BARROSO, 1939: 276).

Portanto, neste relato, não havia críticas ao jogo político, mas sim o orgulho de ter saído vitorioso na eleição ao cargo de Deputado Federal, concorrendo com seu ex-avaliador. Deste modo, Barroso endossaria as regras do jogo político liberal, momentaneamente, sob a finalidade de se promover.

Em mesma via, Barroso, em *Consulado da China* (1941), revelaria sua rede de sociabilidades, que contribuíram para o acesso às esferas políticas, tanto locais, quanto na capital federal:

Artur Lemos, então representante da poderosa oligarquia dos Lemos no Pará, que seria meu colega ‘de Camara Federal, (...); Álvaro de Carvalho, de alto prestígio na política hegemônica de São Paulo, que se distinguiu sempre com sua amizade e confiança no Congresso da República; (...) (BARROSO, 1941: 173, 174).

Apesar de apresentar estas referências que o auxiliaram na carreira política, Barroso não deixou de expor críticas ao sistema liberal. Imediato ao trecho acima citado, o cearense faria menção a figuras “que brilham num instante como meteoro da democracia liberal e se apagaram com a morte ou no esquecimento” (BARROSO, 1941: 174). Deste modo, apontaria para a sucessão de partidos e candidatos, alternando-se no poder. Este aspecto era visto como deficiência do sistema liberal-democrático por Barroso, em vista da incapacidade deste modelo de governo lançar líderes fortes em função dos prazos inscritos no período de mandato.

As modificações na postura político-ideológica barrosiana acentuaram-se entre os anos 1920 e os anos 1930. Sob estas balizas temporais Barroso apresentaria opiniões favoráveis ao liberalismo (1922), mas posteriormente, migraria para o autoritarismo antissemita (a partir de 1932). Chama a atenção o potencial antissemítico apresentado em *Liceu do Ceará* (1940), mas o silêncio em relação ao tema em *Coração de Criança* (1939), publicado no ano anterior. Em *Liceu do Ceará*, Barroso demonstraria seu ódio contra os judeus:

Naquê tempo [ano de 1900], ainda não podia saber o que era em verdade um judeu. Considerava os judeus como quaisquer outros estrangeiros sem maior distinção. Ignorava completamente na inocência dos meus onze anos seu papel de lagartas rosadas da sociedade cristã, com algumas exceções, sem dúvida, de perigosos parasitas secretamente organizados e de fermentos ruins para a saúde material e moral dos povos (BARROSO, 1940: 50).

Outro ponto de tensão na trajetória de Gustavo Barroso esteve relacionado ao seu posicionamento político em relação ao liberalismo. Ao longo da década de 1920, escreveu textos simpáticos ao sistema de governo. Por outro lado, segundo Chor Maio (1991: 75), não se despiu do conservadorismo. À medida que mudanças políticas ocorriam no regime republicano, Barroso assumia posição reativa às alterações.

Conforme visto, Barroso não era nem antissemita até os anos 1930, tampouco apresentou comportamento antiliberal até meados dos anos 1920. Isto fica confirmado a partir de seu livro *Coração da Europa*. Neste, publicado em 1922, Barroso teceu análises elogiosas ao recém-criado Estado da Tchecoslováquia.

Estabelecendo exames quanto aos aspectos climáticos, geográficos, econômicos políticos e sociais daquele país, Barroso apresentava postura ideológica distinta à vista quando, posteriormente, esteve em atividade na AIB. Em *Coração da Europa* (1922), ao observar a disposição e composição populacional da Tchecoslováquia, identificou a organização da comunidade judaica em seu interior, destacando a simpatia dos judeus aos alemães, em detrimento aos eslavos. Barroso justificou este aspecto através da ascendência germânica daquela comunidade.

Porém, descartava-se a explicação de complô internacional judaico, como faria em obras posteriores, escritas quando inserido na AIB. Nestes termos, Barroso observaria da seguinte maneira a postura do grupo judeu:

Os judeus que habitam as diversas regiões da Tchecoslovaquia, (...), exercem as mesmas profissões de seus irmãos de outros países: são traficantes, comerciantes, prestanistas e banqueiros. Têm certas e determinadas afinidades com os alemães e nenhuma com os eslavos. Sempre estiveram ao lado dos governos austro-hungaros. E a independência dos povos tchecoslovacos encontrou de sua parte má vontade ou indiferença (BARROSO, 1922: 77).

Se nesta citação de 1922, os judeus possuíam má vontade ou indiferença quanto à questão nacional dos tchecoslovacos, em *Liceu do Ceará* (de 1940), os elementos semitas eram “fermentos ruins para a saúde material e moral dos

povos”(BARROSO, 1940: 50). Outra divergência, nestes mesmos recortes temporais se encontrava em relação à classificação do liberalismo político.

Enquanto em 1932, Barroso inserir-se-ia em organização antiliberal e antidemocrática, dez anos antes elogiaria Carta Constitucional revestida destes valores. Em *Consulado da China* (1941), obra posterior à passagem de Barroso pela AIB, o autor cearense tecia críticas à liberdade de imprensa. Segundo o chefe de milícias, estas liberdades provocariam ataques sucessivos, com finalidades políticas em detrimento do critério investigativo requerido pelo jornalismo. Tal crítica é encontrada quando Barroso narra a querela entre João Brigido, jornalista e proprietário do jornal “Unitário”, e o secretário do Tribunal da Relação.

Nesta contenda, o primeiro acusou seu alvo, de receptor verbas indevidamente. Perguntado por Barroso se o jornalista de “Unitário” havia lido a resposta à denúncia, Brigido responde: “- Não li nem quero lêr. Eu afirmei. Êle, com toda a certeza, nega. Eu reafirmo.” (BARROSO, 1941: 218). Ao generalizar o ocorrido, Barroso concluiria: “O episódio retrata admiravelmente o que era um jornalista demo-liberal, fruindo inteiramente da liberdade de imprensa” (BARROSO, 1941: 218).

Opinião distinta seria encontrada em *Coração da Europa*, publicado em 1922. Não apenas a forma de governo democrático, mas as liberdades, entre estas, a liberdade individual, religiosa, de opinião e a igualdade política entre homens e mulheres, promovidas pelo sistema, eram vistas com simpatia. A defesa era realizada nos seguintes termos:

A Constituição da República Tchecoslovaca é uma das mais liberaes que se conhecem. (...), nella se encontram plenamente asseguradas, a egualdade de todos os cidadãos perante a lei, a liberdade individual, (...), a liberdade de opinião, de religião, de associação, a inviolabilidade de correspondência; e finalmente a perfeita egualdade do homem e da mulher. É sobretudo na relativo ás minorias nacionaes, religiosas e ethnicas que mais se patenteia o cunho caracteristicamente liberal da Constituição Tchecoslovaca (BARROSO, 1922: 67).

Barroso, em 1922, possuía opinião simpática ao liberalismo, elogiando a Carta Constitucional da Tchecoslováquia nestes quesitos. Embora o trecho citado seja meramente descritivo, algumas páginas à frente Barroso ratificaria a sensação positiva colhida ao afirmar, “Além do valor que lhe dá essa posição geográfica, a sua importância aumenta graças á potência política e econômica.” E completa a seguir:

“Política e economicamente a Tchecoslovaquia é uma das nações mais adeantadas” (BARROSO, 1922: 72).

Sua pesquisa a respeito daquele país lhe rendeu referências na *América Brasileira*, de setembro de 1922, sendo qualificada como relato de propriedade, pelo periódico de Elísio de Carvalho (in. AMERICA BRASILEIRA, 1922: 85). O posicionamento político de Barroso, até meados de 1920, similar à opinião de Elísio de Carvalho, era de fomento às mudanças lentas e paulatinas, no interior das instituições existentes, não alterando a ordem vigente. No entanto, na segunda metade daquela década, passaria a criticar a democracia liberal e a política oligárquica.

Aspecto que chama a atenção, ainda em *Coração da Europa* (1922), e que seria desenvolvido na AIB, é o interesse nas associações e organizações de caráter nacional, voltadas ao treinamento físico e militar. Em sua obra sobre a Tchecoslováquia, Gustavo Barroso observou com curiosidade um grupo formado por elementos provenientes da burguesia, denominado *Sokol*, “falcão” em eslavo.

Barroso considerava a organização como “(...) escola de educação physical, moral, social e talvez mesmo até militar da Bohemia, cuja capacidade de defesa intellectual e nacional se tem demonstrado a mais completa possível” (BARROSO, 1922: 92). Desta forma, observava com simpatia a organização que adquiria proporções nacionais na Tchecoslováquia.

Uma década mais tarde, Barroso buscava colocar em prática o exemplo eslavo nas fileiras integralistas do Brasil. Embora, oficialmente, Plínio Salgado defendesse que as milícias integralistas não fossem uma organização militar, seus objetivos se aproximavam dos vistos na formação dos *Sokols*.

Na descrição do *Monitor Integralista*, as milícias cumpriram a função de “uma escola civil de disciplina, civismo e educação physical” (MONITOR INTEGRALISTA, 1935: 5). De modo similar, a formação tchecoslovaca – nas palavras de Barroso em *Coração da Europa* (1922)- eram escola de desenvolvimento de competências físicas, morais e militares.

No entanto, o interesse de Barroso pelos *Sokols* não significou, ao menos neste momento, a definição ideológica de Barroso a favor da burguesia. Na mesma obra haveria semelhante interesse em organização congênere, porém de natureza proletária e socialista. Embora Barroso detenha-se com maior vagar no grupo burguês, destacaria que:

emquanto os Sokols burguezes sómente se comprazem em exercícios physicos de toda a espécie e em seguirem certas normas Moraes de conducta, os grupos de Gymnastica Socialista emprehendem além da cultura physica, a educação systematica, methodica, completa da juventude operária, tanto moral como intellectual, no ponto de vista do socialismo (BARROSO, 1922: 94).

Neste contexto, embora Barroso elogiasse tais organizações de inclinação militar, não havia sinais claros dos percursos a serem traçados pelo autor cearense na década seguinte. O interesse pelas organizações de treinamento físico e militar, ou de desenvolvimento moral visto em viagem à Conferência de Versalhes, não demonstrava o antissemitismo e a ênfase ao militarismo presentes em Barroso em sua fase integralista, tampouco, predileção por ideologias de extrema-direita ou pela socialista.

É válido ressaltar o contato mantido por Barroso com as correntes socialista no período em que cursou a faculdade de Direito no estado do Ceará. Entre os anos de 1907 e 1909 houve a leitura de pensadores como Bakunin, Lasalle, Proudhon e Karl Marx. Barroso e seus colegas de academia chegaram a formar grupo de oposição contra o governo Acioli, culminando ao que o integralista cearense denominou de sociedade secreta e terrorista.

Denominada *Hussares da Morte*, no juramento da suposta organização terrorista, havia o compromisso de “(...) libertar o Ceará e a implantar socialismo” (BARROSO, 1941: 200) Todavia, esta sociedade não realizou ações de relevo contra o governo, nem possuiu o intuito de fazer algo do tipo. Segundo o autor, “Não éramos gente digna e capaz de grande revolução social que êle [Moacir Caminha, o único a tomar os projetos organização com seriedade] esperava” (BARROSO, 1941: 202).

Comportamento distinto foi visto ao entrar na AIB, no primeiro semestre de 1933. A partir de 1935, já inserido na AIB, Gustavo Barroso deixaria de ser apenas referência teórica e intelectual em âmbito nacional e passaria a lutar pela liderança política no movimento integralista. Nestas disputas entre correntes de pensamento adquiriu notoriedade pela teoria de expansão do cristianismo aos moldes medievais, visando o combate ao povo semita.

Os judeus deveriam ser eliminados, segundo sua concepção, diante da negação destes em se diluírem na sociedade que se desejava construir, respaldada nos valores cristãos do medievo. Por insistirem em manter-se como grupo insolvente, manterem sua “raça” e seus valores é que Barroso declarava combate aos judeus.

Segundo o chefe de milícias do integralismo brasileiro, os elementos semitas eram os responsáveis pelo materialismo, pela modernidade, pelo capitalismo e pelo

comunismo. A partir de Gustavo Barroso, foram os principais demolidores do tradicionalismo moral herdado da Idade Média (MAIO, 1991: 83, 84).

Se o antissemitismo não era evidente na primeira metade dos anos 1920, o mesmo não pode ser dito em relação à crença na superioridade nos valores tradicionais, em detrimento da dissolução promovida pela contemporaneidade. A idealização da Idade Média tomada pelo ímpeto cruzadístico cristão, portanto, imiscuindo a religiosidade com o militarismo, acompanhou o integralista cearense ao longo de suas obras. Associado a esta idealização da idade medieval, havia o antiurbanismo e a crença do aspecto “efeminador” (BARROSO, 1962: 112) desenvolvido no ambiente das cidades, em oposição à rusticidade do meio rural.

Em *Terra de Sol*, obra de 1912, Barroso apresentou amostras da sua simpatia aos valores medievais, concomitante ao antiurbanismo, que se acentuaria com sua entrada para as fileiras da AIB. Neste texto, Barroso dissertava:

Quanto mais próximo de vilas ou cidades, mais propensos à velhacada são os matutos. Quanto mais insulados nas brenhas, menos rapaces. Isto prova que Cesar tinha razão, no *De Bello Gallico*, em dizer que dos gauleses, os mais fortes eram os belgas por viverem longe das cidades e de tudo quanto efemina os ânimos, - (...) (BARROSO, 1962: 112).

Barroso, já em 1912, acreditava na natureza corruptora das cidades, tal como Plínio Salgado o faria mais tarde³, e na essência “pura” dos campos e do interior, considerando estes últimos os mantenedores da nacionalidade. Concomitante ao antiurbanismo havia a idealização do passado medieval. Em *Terra de Sol* (1962) eram constantes as comparações entre o sertão e o período medievo e feudal europeu. Tecendo alusão aos domínios senhoriais, Barroso aproximava os territórios de posse do cangaço, dissertando: “É tudo isso feudo da cangaceiragem” (BARROSO, 1962: 102).

Ao explicar a atração de alguns sertanejos ao banditismo do cangaço, citava aspectos educacionais deficientes, o rigor da vida pastoril, elementos étnicos, as taras da hereditariedade entre outros aspectos. Concluindo a exposição destes elementos que levariam o sertanejo ao cangaço, Barroso entendia esta modalidade de banditismo como: “Tudo isso relembra vagamente guerras medievais de barões feudais, com incêndios de burgos pobres e assédios a castelos roqueiros, (...)” (BARROSO, 1962: 102, 103).

³ “Os nossos arranha-céus de cimento armado, com mil bocas de janelas abertas, parecem gritos de massas anônimas, assoberbadas e oprimidas.” (SALGADO, 1955: 61).

A opção pela Idade Média se fez, em parte pelo baixo valor que o autor cearense nutria ao século XIX, conhecido como auge do racionalismo, do cientificismo e do materialismo, e o século do declínio das crenças metafísicas. Portanto Gustavo Barroso encarava-o como período de exacerbação do “espírito de confusão”, em oposição ao tradicionalismo de séculos anteriores (BARRSOSO, 1939: 25). Desta forma, explica-se a citação de León Daudet, membro da *Action Française*, feita no livro *Liceu do Ceará*, referindo se a “O estúpido século XIX ” (BARROSO, 1940: 88).

A rejeição à modernidade e ao urbanismo, assim como a valorização das tradições encarnadas em uma idealização do passado medieval seriam encontradas na produção intelectual barrosiana no interior da AIB, acrescida do antissemitismo. Por outro lado, a valorização do liberalismo e das liberdades individuais, entraria em contradição com os estatutos integralistas, e cairiam no esquecimento nas obras de Gustavo Barroso, quando este se torna chefe de milícia da AIB.

Considerações Finais

A partir da trajetória de militantes e dirigentes da AIB, percebe-se a heterogeneidade vigente no interior do movimento. Tais divergências se faziam presentes nas práticas e nas concepções doutrinárias. Demonstrar a especificidade do pensamento barrosiano ora liberal, ora antissemita foi um dos objetivos deste artigo.

Com a análise da trajetória política e intelectual de Gustavo Barroso, houve a intenção de destacar a descontinuidade e a incoerência dos percursos traçados por personagens históricos. Deste modo, tece-se o alerta para os limites da narrativa histórica linear, que busca encontrar racionalidade nos rumos traçados pelos autores. Embora buscassem fins políticos e ideológicos, explicitados ou não, estas metas atendia tão somente àquele momento. Assim, devem ser criticadas as investigações que buscam encontrar em dirigentes e militantes, integralistas “desde tenra idade”.

Referências Bibliográficas

AMERICA BRASILEIRA: Resenha da Actividade Nacional: Edição do Centenário Nacional. Rio de Janeiro: Ano 1. n. 9 a 12. setembro/dezembro de 1922. Biblioteca Nacional. Setor: Obras Raras. Localização: PRSOR 63125.

BARROSO, Gustavo. *Coração da Europa*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922.

_____. A Libertação do Maranhão: Conferencia realizada no Instituto Varnhagen em 28 de Julho de 1923. *AMERICA BRASILEIRA: resenha da actividade nacional*. Rio de Janeiro: Ano 2. n. 21. Setembro de 1923. Biblioteca Nacional. Setor: Obras Raras. Localização: PSPR 734 (1).

_____. *Coração de Menino: memórias*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1939.

_____. *Liceu do Ceará: 2º vol. de "Memórias"*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1940.

_____. *Consulado da China: 3º vol. de "memórias"*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1941

_____. *Terra de Sol*. 6ª Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BOURDIEU, Pierre. "A Ilusão Biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LABORIE, Pierre. "Memória e opinião". In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda & QUADRAT, Samantha Voz Quadrat (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

MONITOR INTEGRALISTA (ORGÃO INTERNO): Boletim da Acção Integralista Brasileira. Rio de Janeiro: ANNO III. n. 10. 7 de Maio de 1935. p. 5. APHRC-FPS: cx: 131.021-131.038.

REALE, Miguel. *Memórias: Destinos Cruzados*. Vol. 1. São Paulo: Editora Saraiva, 1987.

SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. in. *Obras Completas*. Vol. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955 (1ª Ed. de 1935).

Recebido em 18 de Setembro 2013/
Aprovado em 15 de Dezembro 2013.